

Confiabilidade Interexaminadores da Escala de “Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” para validação no contexto brasileiro

Reliability Inter-examiner of the Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale for validation in the Brazilian context



Aline Moreira Brandão André

Universidade Federal de Minas Gerais

aline.musicasax@gmail.com



Cristiano Mauro Assis Gomes²

Universidade Federal de Minas Gerais

cristianomaurogomes@gmail.com



Cybelle Maria Veiga Loureiro³

Universidade Federal de Minas Gerais

cybelleveigaloureiro@gmail.com

Resumo: A “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” é utilizada desde a década de 1960 nos Estados Unidos. Essa escala avalia em sete graus os “níveis de participação” e a “qualidade de resistividade” observáveis durante um atendimento de Musicoterapia. Para que ela seja utilizada no Brasil, é necessário um processo de validação. Escolhemos para esse processo o Modelo Universalista de Validação. Com base nisso, medimos a equivalência de mensuração

1 Bacharela em Música – Habilitação em Musicoterapia, Mestra em Música e Doutoranda em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2506551167425234>

2 Doutor em Educação - UFMG, Pós-Doutor em Psicologia Educacional, Universidade do Minho, Portugal. É Professor do Departamento de Psicologia da UFMG, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Neurociências (UFMG). Coordenador do Laboratório de Investigação da Arquitetura Cognitiva (LAICO). Bolsista de Produtividade nível 2, CNPq. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/245832620220519>

3 Bacharela em Música; Graduação em Musicoterapia – Iowa University-EUA; Mestra em Música –EM-UFMG; Doutora em Medicina – FM-UFMG. É professora associada e Coordenadora da Habilitação-Musicoterapia ESMU-UFMG, Professora da Pós-graduação em Música da ESMU-UFMG e Neurociências – ICB-UFMG
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5470805433951697>

da escala através do teste de confiabilidade interexaminadores a partir de análise de vídeos de atendimentos musicoterapêuticos realizados para pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento. Os escores Interexaminadores apresentaram média de correlações (Spearman) fortes, indicando evidências de confiabilidade para a versão brasileira da escala.

Palavras-chave: Escala de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa. Musicoterapia. Confiabilidade interexaminadores. Validação.

Abstract: The “Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale” has been used since the 1960s in the United States. This scale assesses for seven degree levels the participation and the quality of resistivity observed during a Music Therapy service. Conversely, to have this tool being used in Brazil, a validation process is necessary. In order to do this validation process, the Universalist Validation Model was chosen. Based on this, we measured the equivalence of measuring the scale through the inter-examiner reliability test based on the analysis of videos of Music Therapy sessions performed for people with Neurodevelopmental Disorders. Inter-examiner scores showed strong mean correlations (Spearman), indicating evidence of reliability for the Brazilian version of the Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale.

Keywords: Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale. Music Therapy. Inter-examiner Reliability. Validation.

Introdução

A “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” foi desenvolvida a partir de pesquisas que se iniciaram na década de 1960 através de estudos realizados na Universidade da Pensilvânia, com o propósito de construir instrumentos de avaliação que compreendessem respostas musicais e comportamentais na improvisação individual presente em atendimentos musicoterapêuticos. Nordoff e Robbins (2007) relatam que essa escala foi desenvolvida por meio de uma pesquisa realizada na avaliação de crianças autistas atendidas em uma creche. Inicialmente, a escala avaliava em 10 graus os “níveis de participação” e “qualidade de resistividade” observáveis das crianças no atendimento musicoterapêutico.

Os autores Nordoff e Robbins (2007) contam que no decorrer dos anos a escala passou por uma revisão. Segundo eles, o procedimento adotado foi tratar a experiência clínica geral como órgão integrante do fenômeno de musicoterapia para diferenciar e classificar toda a sua variedade. O estudo das respostas das crianças com autismo estabeleceu os níveis inferiores das escalas e contribuiu para a discriminação sutil dos níveis médio e superior; a atividade de resposta das crianças não autistas foi estendida e adicionou clareza da estrutura para a classificação hierárquica global. A escala evoluiu para incluir critérios capazes de avaliar as respostas das crianças, apresentando ampla variedade de diagnósticos e severidades de deficiência. Em 2007, os autores, após os estudos de revisão, criaram e publicaram uma nova versão da escala. Essa nova versão tem sido utilizada em diversas condições neurológicas. Atualmente, ela avalia em 7 graus os “níveis de participação” e “qualidade de resistividade” observáveis no atendimento musicoterapêutico (NORDOFF; ROBBINS, 2007).

Para que essa escala seja utilizada como instrumento de avaliação no contexto brasileiro, torna-se necessário um estudo de validação. Os autores André, Gomes e Loureiro (2019, 2020a, 2020b)

descrevem estudos com essa escala no Brasil, utilizando como metodologia o Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Rushby e Badia (1998). Esse modelo prevê seis etapas para que um teste seja considerado válido e adequado para utilização em nossa cultura. São elas: equivalência conceitual, em que é realizado um estudo no uso original do teste; equivalência semântica, em que se traduz e verifica-se a melhor versão e adaptação para o novo idioma; equivalência de itens, quando é verificado se todos os itens são relevantes para a cultura que utilizará o teste; equivalência operacional, quando é verificado o melhor formato de apresentação do teste; equivalência de mensuração, em que são realizados testes estatísticos para verificar consistência interna, confiabilidade e equivalência funcional, em que se verifica se o teste está pronto para utilização e validação.

André, Gomes e Loureiro (2020a) realizaram a equivalência conceitual através de um estudo de revisão sobre a utilização da "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa". Eles descreveram que a utilização dessa escala tem aumentado no decorrer dos anos, demonstrando que a escala tem sido citada em diversas pesquisas publicadas em português, a saber: (ANDRÉ; LOUREIRO, 2019a; ANDRÉ *et al.*, 2018; ANDRÉ, 2017; ANDRÉ; GOMES; LOUREIRO, 2016, 2017, 2019; FREIRE, 2014; SAMPAIO, 2015; SILVA, 2017; ZMITROWICZAB; MOURA, 2018) e em inglês (AIGEN, 2014; BIRNBAUM, 2014; CARPENTE; AIGEN, 2019; CRIPPS; TSIRIS; SPIRO, 2016; GUERRERO, 2018; KNAPIK-SZWEDA, 2015; MAHONEY, 2010; MALCHIODI; CRENSHAW, 2015; MACLEAN; TILLOTSON, 2019; NORDOFF; ROBBINS, 2007; SPIRO; TSIRIS; CRIPPS, 2017; WALDON; GATTINO, 2018).

André, Gomes e Loureiro (2020b) realizaram a tradução e as equivalências de itens, semântica e operacional, da "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa". Nesta pesquisa, 6 tradutores trabalharam na tradução e 9 avaliadores leram a escala e seu manual explicativo traduzido a fim de dar sugestões para que ela fosse equivalente ao contexto brasileiro, considerando sua semântica, os itens presentes nela e o seu formato

de apresentação. Os autores desta pesquisa descreveram resultados positivos em relação à tradução da escala e seu respectivo manual.

Em nosso estudo atual, objetivamos realizar a equivalência de mensuração através da verificação da confiabilidade interexaminadores da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” para avaliação de atendimentos musicoterapêuticos de crianças e adolescentes com Transtornos do Neurodesenvolvimento. Os responsáveis pelos vídeos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando sua utilização nesta pesquisa.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5), o Transtorno do Neurodesenvolvimento pode ser definido como:

[...] Um grupo de condições com início no período do desenvolvimento. Os transtornos tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento. Em geral, antes da criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Este estudo contribuirá para uma pesquisa de doutorado, visando a verificar os indícios de validade dessa escala para o contexto musicoterapêutico brasileiro. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela conta com o apoio da CAPES e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade, sendo registrada sob o número 04167218.2.0000.5149.

Metodologia

Participantes – Participaram deste estudo 5 musicoterapeutas examinadores. Dentre eles, 4 convidados e 1 pesquisador deste estudo. Todos são musicoterapeutas com experiência em pesquisa. Além disso, participaram dos vídeos 2 pacientes. Um deles possuía 5 anos de idade no período das gravações dos vídeos e tinha diagnóstico de autismo, enquanto o outro paciente, com diagnóstico de esclerose tuberosa, tinha 14 anos de idade no período de gravação dos vídeos. As patologias Esclerose Tuberosa e TEA são condições que se enquadram na classificação de Transtornos do Neurodesenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Instrumentos – Utilizamos como instrumentos de avaliação nesta pesquisa os seguintes itens: a “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa”, em conjunto com seu manual explicativo e também 24 trechos de vídeos.

Os autores André, Gomes e Loureiro (2020b) descrevem o processo de tradução do manual com base no manual original em inglês, encontrado no capítulo 16 do livro *Creative Music Therapy: Guide to Fostering Clinical Musicianship*, escrito pelos autores Nordoff e Robbins (2007).

Utilizamos o manual traduzido no estudo de André, Gomes e Loureiro (2020b). Os autores descrevem, nesse manual, o que foi considerado adequado para o contexto musicoterapêutico brasileiro segundo resultado de análise semântica feita por avaliadores.

A “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” permite a avaliação dos “níveis de participação” e “qualidade de resistividade” a partir de 7 graus. Segundo seu manual, quanto maior o grau alcançado pelo paciente, mais adequada é a relação na experiência musical (Quadro 1).

Quadro 1: Versão brasileira da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa”

Versão brasileira da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa”			
Criança:	Data de Nascimento: __/__/__	Data: __/__/__	Sessão: ____
Terapeuta: _____		A v a l i a - dor: _____	Data da avaliação: ____
Pontuação	Níveis de Participação	Pontuação	Qualidade de Resistividade
7	Estabilidade e confiança no relacionamento musical interpessoal.	7	A partir da identificação com o senso de reabilitação e bem-estar, resiste as próprias tendências regressivas
6	Mutualidade e cocriatividade na mobilidade expressiva da música.	6	Crise direcionada para a resolução. Sem resistividade.
5	Coatividade assertiva. Relação de trabalho. Autoconfiança intencional.	5	Compulsividade perseverante. Inflexibilidade assertiva. Contestação.
4	Atividade de desenvolvimento na relação	4	Perversidade e/ ou manipulação
3	Atividade responsiva limitada.	3	Defesa evasiva
2	Ambivalência cautelosa Aceitação hesitante	2	Incerteza ansiosa. Tendência a rejeição
1	Não aceitação não responsiva	1	Esquecimento aparente. Rejeição ativa. Reação de pânico, raiva quando pressionado.

Coleta de dados – Selecionamos e coletamos dados dos vídeos pré-filmados de atendimentos de musicoterapia no banco de dados das seguintes instituições parceiras: Ambulatório de Psiquiatria Infantil do HC-UFMG e na ABET (Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa). Foi considerado como critério de inclusão os vídeos de atendimentos realizados a pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento e foi considerado como critério de exclusão vídeos de atendimentos para outras populações. Após a seleção, os vídeos foram editados em 240 unidades temporais de

30 segundos. Adotamos esse critério de tempo de 30 segundos para verificar os pequenos acontecimentos de maneira uniforme. Dentre as 240 unidades temporais, foi realizado um sorteio aleatório de 24 trechos através do site "sorteador" (<https://sorteador.com.br/>). Após essas etapas, 4 examinadores foram treinados através da leitura do manual traduzido. Todos os examinadores receberam um material para análise e foram orientados para não compartilhar informações sobre sua avaliação dos 24 vídeos a partir da "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa".

A utilização de pequenos trechos de vídeos selecionados aleatoriamente para análise é uma metodologia originária da microanálise em Musicoterapia. Wosch e Wigram (2007) definem a microanálise em Musicoterapia como um método detalhado de investigação de microprocessos. Segundo eles, microprocessos são pequenos processos e mudanças/progressões que ocorrem dentro de uma sessão de musicoterapia. Plahl (2007) descreve que um dos modos de realizar uma microanálise em Musicoterapia consiste em construir ou estabelecer o sistema de categorias, definir e selecionar a amostra de sequências (amostragem de tempo, evento amostragem), escolher o programa de análise e a técnica de codificação, treinar a aplicação do sistema de categorias e avaliação da confiabilidade (interexaminadores ou intraexaminadores) e analisar diferentes parâmetros em um nível micro. Em nosso estudo, o sistema de categorização é a "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa".

Análise de dados - Os vídeos pré-filmados de atendimentos de musicoterapia realizados com pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento foram analisados a partir da "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa". Esses vídeos foram divididos por unidades temporais de 30 segundos, o que permitiu uma análise de comportamentos ocorridos durante cada trecho das sessões de Musicoterapia.

Todos os dados foram armazenados na planilha eletrônica Microsoft Excel 2019. Posteriormente, foi realizado o Teste

Estatístico de Normalidade. Após verificar que a amostra era não paramétrica, foi calculado o índice correlação de Spearman para verificação da confiabilidade Interexaminadores da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa”. Os testes Estatísticos de Normalidade e de correlação foram realizados no *software* IBM SPSS Statistics 23 (IBM Corp. Released, 2015). Detalhes da utilização desse software podem ser encontrados no livro dos autores Dancey e Reidy (2013). Classificamos as correlações como fracas (0,10), moderadas (0,30) e fortes (0,50), considerando o critério sugerido por Cohen (1988).

Resultados

Considerando o critério sugerido por Cohen (1988), obtivemos os seguintes resultados em “níveis de participação” e “qualidade de resistividade”.

No domínio “níveis de participação”, observamos cinco correlações moderadas, com valores entre 0,30 e 0,49 (entre os avaliadores 1 e 2, 1 e 3, 1 e 4, 2 e 3 e 2 e 4) e cinco correlações fortes, com valores a partir de 0,50 (entre os avaliadores 1 e 5, 2 e 5, 3 e 4, 3 e 5 e 4 e 5) (Tabela 1). O valor da média das correlações foi de 0,55 (correlação forte) e o desvio padrão foi de 0,14.

Tabela 1: Correlação de Spearman entre avaliação de examinadores referente ao domínio "níveis de participação".

Níveis de participação					
	Examinador 1	Examinador 2	Examinador 3	Examinador 4	Examinador 5
Examinador 1	-	0,408*	0,404*	0,488*	0,649**
Examinador 2	0,408*	-	0,379	0,498*	0,521**
Examinador 3	0,404*	0,379	-	0,656**	0,715*
Examinador 4	0,488*	0,498*	0,656*	-	0,785**
Examinador 5	0,649**	0,521**	0,715*	0,785**	-

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)
** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

No domínio "qualidade de resistividade" foram observadas correlações fortes entre todos os avaliadores, com valores superiores a 0,50 (Tabela 2). O valor da média das correlações foi de 0,73 (correlação forte) e o desvio padrão foi de 0,14.

Tabela 2: Correlação de Spearman entre avaliação de examinadores referente ao domínio "qualidade de resistividade".

Qualidade de resistividade					
	Examinador 1	Examinador 2	Examinador 3	Examinador 4	Examinador 5
Examinador 1	-	0,628**	0,674**	0,547**	0,758**
Examinador 2	0,628**	-	0,980**	0,595**	0,867**
Examinador 3	0,674**	0,980**	-	0,653**	0,929**
Examinador 4	0,547**	0,595**	0,653**	-	0,743**
Examinador 5	0,758**	0,867**	0,929**	0,743**	-

**** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)**

Além das correlações entre examinadores, foi realizada a correlação do examinador 5 (pesquisador deste estudo) com os demais examinadores (colaboradores). Para isso, o número de análises do examinador 5 foi replicado, a fim de comparar com as 24 análises de cada examinador colaborador. Nesse caso, a correlação de Spearman foi realizada com 96 análises (24x4).

Após realizar o teste de correlação de Spearman entre o examinador 5 e demais examinadores, observamos correlações fortes (valores superiores a 0,50) nos domínios "níveis de participação" e "qualidade de resistividade" (Tabela 3).

Tabela 3: correlação entre o examinador 5 e demais examinadores

	Níveis de participação	Qualidade de resistividade
Correlação examinador 5 e demais examinadores	0,666**	0,821**
Média	0,667	0,824
Desvio Padrão	0,112	0,089

Discussão:

Neste estudo podemos verificar que a “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” apresentou boa correlação interexaminadores, o que se evidencia pelo fato de a média das correlações ser considerada forte no domínio “níveis de participação” ($\rho = 0,55$) e no domínio “qualidades de resistividade” ($\rho = 0,73$), segundo o critério sugerido por Cohen (1988). Essa informação demonstra que a escala e seu respectivo manual foram compreendidos pelos musicoterapeutas examinadores. A partir das correlações realizadas neste estudo entre o pesquisador e os demais examinadores, também foi possível verificar que todos apresentaram boa confiabilidade com correlações fortes para o domínio “níveis de participação” ($\rho = 0,66$) e para o domínio “qualidade de resistividade” ($\rho = 0,82$).

A “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” tem sido utilizada no Brasil em pesquisas para avaliar comportamentos de crianças com TEA em sessões de musicoterapia, conforme afirmaram Andre *et al.* (2018), André e Loureiro (2019b), Freire (2014), Sampaio (2015) e André, Gomes e Loureiro (2020a).

André *et al.* (2018) inclusive realizaram a confiabilidade Interexaminadores das Escalas Nordoff Robbins na avaliação de pessoas com TEA. Conforme os autores citados, a “Escala de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa” foi

analisada psicometricamente a partir da avaliação de 68 vídeos de atendimentos de Musicoterapia improvisacional realizados com duração de 30 minutos. André *et al.* (2018) relatam que a escala apresentou boa confiabilidade entre dois examinadores através da correlação de Spearman ($p < 0,01$), com correlações fortes em ambos domínios: "Níveis de Participação" ($\rho = 0,791$) e "Qualidade de Resistividade" ($\rho = 0,756$), e no "total" ($\rho = 0,858$). Nesse mesmo estudo, a escala apresentou boa correlação com outros instrumentos de medida, como a "Escala de Comunicabilidade Musical" ($\rho = 0,824$), o "Childhood Autism Rating Scale" ($\rho = 0,679$), a "Autism Treatment Evaluation Checklist" ($\rho = 0,530$) e os "Improvisational Assessment Profiles" ($\rho = 0,903$).

Em nosso estudo atual, também pudemos verificar que, além da avaliação de crianças com TEA, a "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa" também pode ser utilizada em uma abrangência maior, avaliando crianças e adolescentes com Transtornos do Neurodesenvolvimento.

A validação da "Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa" para o contexto brasileiro pode vir a contribuir para diversas pesquisas e para o contexto clínico. A sua utilização para avaliação de pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento poderá auxiliar em diversos contextos, pois vários atendimentos musicoterapêuticos são realizados para essa população no Brasil, conforme afirmam Andre *et al.* (2015) e Loureiro (2006).

Possivelmente, a "Escala de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa" também poderia ser utilizada para avaliar comportamentos em outras populações, conforme descrevem Silva (2017) na avaliação de pessoas típicas, Mahoney (2010) e Spiro, Tsisir e Cripps (2017), na avaliação de pessoas com autismo e Transtornos do Neurodesenvolvimento, e Nordoff e Robbins (2007), que utilizaram essa escala com pessoas com as seguintes condições: autismo, esquizofrenia infantil, transtorno emocional grave, lesão cerebral, deficiência visual, paralisia cerebral, deficiência mental, deficiência de aprendizado e perda parcial de audição.

Para que diversas condições sejam avaliadas também no Brasil, mais pesquisas precisam ser realizadas. Segundo o Modelo Universalista de Validação apresentado por Herdman e colegas (1998), são necessárias 6 etapas para que a Escala de Comunicabilidade Musical seja validada no contexto brasileiro. Dessas 6 etapas, 4 já foram realizadas. Foram elas: equivalência conceitual, realizada por André, Gomes e Loureiro (2020a) através do estudo de revisão bibliográfica, e as equivalências de itens, semântica e operacional realizadas por André, Gomes e Loureiro (2020b). No presente estudo, verificamos a equivalência de mensuração através da confiabilidade Interexaminadores da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa”.

Considerações finais

A validação da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” para o Brasil pode vir a contribuir futuramente para o contexto clínico e de pesquisa, uma vez que vem sendo utilizada com frequência nos últimos anos e tem apresentado bons resultados nos estudos de equivalências conceitual, de itens, semântica e operacional (ANDRÉ; GOMES; LOUREIRO, 2020b, 2020a). O fato de todas as equivalências terem apresentado resultados positivos demonstra que a escala pode ser considerada válida para avaliação de pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento no contexto musicoterapêutico brasileiro.

Nos próximos estudos serão realizados novos cálculos estatísticos a fim de verificar a validade estrutural da “Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” na população de pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento.

Referências

- AIGEN, K. Music-Centered Dimensions of Nordoff-Robbins Music Therapy. **Music Therapy Perspectives**, v. 32, n. 1, p. 18–29, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM - 5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRÉ, A. M. *et al.* **Tecnologia e atraso do desenvolvimento: relações com a musicoterapia**. 1º nas nuvens... congresso de música. **Anais...1o Nas Nuvens... Congresso de Música**, 2015.
- ANDRÉ, A. M. *et al.* Análise psicométrica das Escalas Nordoff Robbins como instrumento de avaliação no tratamento musicoterapêutico de crianças autistas em acompanhamento no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). **Revista Per Musi**, v. 2018, n. 2018, p. 1–12, 2018.
- ANDRÉ, A. M. B. **Tradução e validação da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.
- ANDRÉ, A. M. B.; GOMES, C. M. A.; LOUREIRO, C. M. V. **Tradução e Validação das Escalas Nordoff Robbins: "Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa" e "Musicabilidade, Formas de Atividade, Estágios e Qualidades de Engajamento"**. SIMCAM14. **Anais...Campo Grande**: 2019.
- ANDRÉ, A. M. B.; GOMES, C. M. A.; LOUREIRO, C. M. V. Estudo de revisão da utilização das Escalas Nordoff Robbins: "Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa" e "Musicabilidade: Formas de Atividade, Estágios e Qualidades de Engajamento". **Revista Música (artigo em avaliação)**, 2020a.
- ANDRÉ, A. M. B.; GOMES, C. M. A.; LOUREIRO, C. M. V. Equivalências de itens, semântica e operacional da Escala Nordoff Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa. **Percepta (artigo em avaliação)**, 2020b.

- ANDRÉ, A. M. B.; LOUREIRO, C. M. V. **Modos da Escuta de Pierre Schaeffer e Escalas Nordoff Robbins: um estudo de caso.** XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. **Anais...** Pelotas: ANPPOM, 2019^a.
- ANDRÉ, A. M. B.; LOUREIRO, C. M. V. Musicoterapia, autismo e Escala de Comunicabilidade Musical: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. XIX, n. 23, p. 32-44, 2019b.
- ANDRÉ, A. M.; GOMES, C. M. A.; LOUREIRO, C. M. V. Escalas Nordoff Robbins: uma revisão bibliográfica. **Percepta- revista de Cognição Musical**, v. 3, n. 2, p. 117-131, 2016.
- ANDRÉ, A. M.; GOMES, C. M. A.; LOUREIRO, C. M. V. Equivalência de itens, semântica e operacional da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical. **OPUS**, v. 23, n. 2, p. 153, 2017.
- BIRNBAUM, J. C. Intersubjectivity and Nordoff-Robbins Music Therapy. **Music Therapy Perspectives**, p. 4, 2014.
- CARPENTE, J. A.; AIGEN, K. A Music-Centered Perspective on Music Therapy Assessment. *In: The Oxford Handbook of Philosophical and Qualitative Assessment in Music Education.* New York: Oxford University Press, 2019. p. 243.
- CRIPPS, C.; TSIRIS, G.; SPIRO, N. Outcome Measures in Music Therapy: A Free Online Resource by the Nordoff Robbins Research Team. 2016.
- DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia.** 5. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.
- FREIRE, M. H. **Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- GUERRERO, M. C. N. **Music Therapy/Upper Limb Therapy-Integrated (MULT-I) Stroke Rehabilitation: Exploring Interprofessional Collaborative Treatment.** New York University, 2018.
- HERDMAN, M.; FOX-RUSHBY, J.; BADIA, X. A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. **Quality of life Research**, v. 7, n. 4, p. 323-335, 1998.

KNAPIK-SZWEDA, S. The effectiveness and influence of Vocal and Instrumental Improvisation in Music Therapy on children diagnosed with au-tism. Pilot Study. **The Journal of Education, Culture, and Society**, v. 1, n. 2015, p. 153-166, 2015.

LOUREIRO, C. M. V. **Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MACLEAN, E.; TILLOTSON, C. **How Do Music Therapists Share? Exploring Collaborative Approaches in Educational Settings for Children with Autistic Spectrum Conditions**. philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2019.

MAHONEY, J. F. Interrater agreement on the nordoff-robbins evaluation scale i: client-therapist relationship in musical activity. **Music and Medicine**, v. 2, n. 1, p. 23-28, 2010.

MALCHIODI, C. A.; CRENSHAW, D. A. **Creative arts and play therapy for attachment problems**. 1. ed. New York: Guilford Publications, 2015.

NORDOFF, P.; ROBBINS, C.. **Creative Music Therapy: Guide to Fostering Clinical Musicianship**. 2. ed. New Hampshire: Barcelona Publishers, 2007.

PLAHL, C. Microanalysis of Preverbal Communication in Music Therapy. *In: Microanalysis in Music Therapy*. 1. ed. London: Jessica Kingsley Publishers, 2007. p. 328.

SAMPAIO, R. T. **Avaliação da Sincronia Rítmica em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em Atendimento Musicoterapêutico**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SILVA, A. M. DA. **Reprodutibilidade e validade discriminante dos domínios social e de comunicação expressiva da escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) aplicada a crianças e adolescentes com transtornos do espectro do autismo e com desenvolvimento típico**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

SPIRO, N.; TSIRIS, G.; CRIPPS, C. A Systematic Review of Outcome Measures in Music Therapy. **Music Therapy Perspectives**, v. 36, n. 1, p. 67-78, 2017.

WALDON, E. G.; GATTINO, G. Assessment in Music Therapy. *In*: **Music Therapy Assessment: Theory, Research, and Application**. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2018. p. 432.

WOSCH, T.; WIGRAM, T. **Microanalysis in music therapy: Methods, techniques and applications for clinicians, researchers, educators and students**. 1. ed. London: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

ZMITROWICZAB, J.; MOURA, R. Instrumento de avaliação em Musicoterapia: uma revisão. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. XX, n. 24, p. 114-135, 2018.